

UM RELICTO LATINO EM CRUZ ALTA, RIO GRANDE DO SUL

Mário Silfredo Klassmann^{*}

RESUMO: *A Latin palindrome was discovered in the ruins of Pompeii, which was destroyed by an eruption of the Vesuvius in the year 79AD. That palindrome reappeared in the town of Exaceter in the 4th century, during the Roman occupation of Britain. In 1992, in the district of Capão Grande, Cruz Alta, in the state of Rio Grande do Sul, an ALERS-Project researcher came across the same Latin palindrome. What makes that text so remarkable as to have been preserved for such a long time in the popular culture of communities so diverse and far removed in place and time? The present article intends to establish that relation.*

PALAVRAS-CHAVE: *palíndromo, cultura latina, etnografia, etnolinguística.*

O PALÍNDROMO DE CRUZ ALTA

Cópia de um palíndromo latino famoso foi mostrado, por um informante, ao professor Cleo Vilson Altenhofen, pesquisador do projeto ALERS, na localidade de Capão Alto, Município de Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em viagem de pesquisa para o projeto ALERS (Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil), rabiscado numa folha de papel de embrulho. O palíndromo é o seguinte:

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

Que importância poderiam ter para uma família de agricultores aquelas palavras cujo significado ignoravam completamente e das quais nem sabiam a procedência nem em que língua eram escritas? Alguns vizinhos, inclusive o professor da localidade, eram de opinião de que poderia ser latim.

O informante explica: Copiam-se essas palavras numa folha de papel, rasga-se esse papel em pedacinhos bem pequenos para serem misturados com algum alimento para ser ingerido por alguma pessoa ou animal. Para quê? Para servirem de preventivo contra picada de cobra! Ou é remédio para quem foi picado por uma.

Neste ponto deve-se fazer uma conexão com o ano 79 AD, com a cidade de Pompéia, importante cidade de vilegiatura da elite romana e que foi soterrada, naquele ano, pela erupção do Vesúvio.

^{*} Mário Silfredo Klassmann é professor do Instituto de Letras da UFRGS

CRENDICE POPULAR, FEITIÇARIA E FÓRMULAS MÁGICAS

A medicina entrou na vida do romano só depois da conquista, primeiramente da Magna Grécia e depois da própria Grécia, através de gregos escravizados. Antes disso, a arte de curar era exercida pelo *pater familias* que preparava os remédios segundo a tradição familiar e os ministrava a todos os integrantes da família, incluindo aí também os escravos. Essas mezinhas (*medicinas*) eram preponderantemente produtos fitoterápicos. *E havia também remédios para curar mordida de cobra!*

A fórmula “SATOR”, entre os antigos romanos, era usada, como recurso mágico, para facilitar os partos. Sua provável origem é a Ásia Menor e data dos primeiros momentos do cristianismo porque a interpretação mais aceita é que ela se origina das letras que formam o início da oração cristã do PATER NOSTER. (Não se pode esquecer que, ainda hoje, é costume colocar um santinho de Santa Ana ou de Nossa Senhora do Bom Parto na cama de uma parturiente.)

A fórmula foi encontrada uma vez em Pompéia e quatro vezes no sítio arqueológico do nascente cristianismo chamado Dura-Europos, nas margens do Eufrates, na Ásia menor e uma vez em Exaceter na Britânia romana.

Fórmulas mágicas, como a SATOR, eram de uso muito freqüente em todo o império romano como recursos medicinais. Por quê?

Muito curandeirismo dominava o espírito do romano que possuía um instinto supersticioso muito grande e não começava o seu dia sem uma consulta aos deuses superiores ou inferiores. As fórmulas mágicas e até a feitiçaria dominavam a vida diária, não apenas do homem comum mas também dos intelectuais, dos sacerdotes e militares. Basta lembrar as milhares de TABELLAE DEFIXIONUM encontradas em todo o território do império romano. Muitas formulas foram trazidas da Ásia Menor propagadas pelos adeptos de uma religião que cultuava a divindade persa Mithras e que foi muito difundida em todo o império romano principalmente pelo exército. (Na Alemanha, perto de Frankfurt sobre o Meno, mais exatamente em Saalburg, foi reconstruído, no fim do século passado, um castelo romano que fazia parte do LIMES. Em volta deste acampamento militar desenvolvera-se intensa vida civil pois lá havia, entre outras instalações como termas e tabernas, um templo dedicado a Mithras que foi preservado pelo tempo e ainda lá existe.)

Na Inglaterra, i.é, na *Britannia* dos romanos, tanto o mitraísmo como o cristianismo eram consideradas religiões orientais visto que ambas vinham da Ásia Menor. A fórmula de Cirencester (Exaceter), pelos estudos arqueológicos, data da época da introdução do cristianismo naquela província romana.

O mitraísmo era tolerado mas não o cristianismo nascente que era perseguido.

As perseguições aos cristãos na Roma imperial não devem ser tomadas como perseguições religiosas mas tendo como causa o crime contra a unidade do império porque os cristãos não juravam lealdade ao imperador. Por isso, o palíndromo SATOR AREPO, considerado de origem cristã, símbolo de uma sociedade secreta, era coberto por cal ou estuque onde ele eventualmente surgisse, como explicam os arqueólogos ingleses (Wacher, 1986) e por isso mesmo foi preservado para a história.

Talvez tenha sido o exército o portador da fórmula SATOR para a Inglaterra. Desde os inícios do cristianismo havia soldados que praticavam a nova religião. O exemplar encontrado em Cirencester, por suas características, deve datar do segundo ou do terceiro século depois de Cristo. A fórmula inglesa é a seguinte comparada com a versão de Pompéia:

Versão Cirencester

R O T A S
O P E R A
T E N E T
A R E P O
S A T O R

Versão Pompéia

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

Afinal o que significam estas palavras? As interpretações são várias. Duas, ambas de autores ingleses, dizem: “O semeador (criador) segura com trabalho (ou “poder”) as rodas (rotação?) da charrua(?)”. “O semeador Arepo guia, com cuidado, as rodas.” (HENDERSON, 1972, p. 228) A interpretação deste autor seria “O semeador (agricultor) Arepo mantém, com cuidado, o curso (do arado)”.

A primeira interpretação tem nítida influência bíblica. Diz o autor “...o quadrado de palavras tem todo o sentido que pode ter, e parece realmente uma boa aproximação da idéia de Deus, no princípio de sua grande obra criadora...” (HENDERSON, 1972, pág. 228) A alusão ao quadrado, contudo, remete (o autor não diz isso!) aos filósofos gregos e à sua concepção de perfeição que representa o quadrado, e daí também à idéia de Deus criador. A palavra AREPO, segundo o mesmo autor, podia ser um recurso para formar o quadrado, sugerido pelo termo OPERA ou seria o termo celta para a charrua (arado). Esta última hipótese é pouco provável. A nossa sugestão seria que AREPO é o nome, talvez artificial, do semeador já que contem a raiz indoeuropéia “AR”, a mesma de arar e arado.

A hipótese de termo celta, contudo, não deve ser desprezada, apesar de pouco provável, como foi dito. Em etimologia, nenhuma hipótese pode ser posta de lado. Isso porque os celtas (gauleses para os romanos) estiveram na Ásia Menor, conhecidos historicamente como GÁLATAS, tendo sido um povo importante na Ásia Menor.

A segunda interpretação (WACHER, 1986 pág. 236) contém a palavra roda, um símbolo cristão para “vida eterna”. Mas o autor também remete para a mitologia pagã onde existe a mesma imagem.

O mesmo autor também se refere ao uso de palíndromos para a cura de distúrbios ginecológicos. A terceira interpretação (nossa) é mais neutra, pretende apenas dar ênfase ao cuidado que tem o lavrador no bom preparo da terra que está lavrando. Como se trata de uma época em que a superstição domina o homem romano; em que o cristianismo ainda é proibido no império; e em que a medicina, apesar dos bons médicos gregos, ainda tem muito de fórmulas mágicas para auxiliar a cura das doenças, a fantasia é livre para todos.

A FÓRMULA SATOR E O RIO GRANDE DO SUL

Como teria vindo para o Rio Grande do Sul a fórmula SATOR? O informante do projeto ALERS somente soube dizer que isso era “*coisa dos antigo*”. Ele tinha recebido do seu avô com a informação de que isto era muito antigo. Mais ele não sabia. Nos arquivos do projeto, a informação sobre a fórmula SATOR é única.

Spalding, em *Tradições e Superstições do Brasil Sul*, menciona superstições em torno do assunto “mordida de cobra” mas não registra a fórmula SATOR. Por outro lado, Spalding, na mesma obra, comenta as “*origens latinas de frases populares*” na língua portuguesa e sua propagação no Rio Grande do Sul através dos açorianos e dos portugueses continentais que formaram a base cultural de proveniência ibérica na parte mais meridional do Brasil.

Teriam sido eles os portadores do instinto supersticioso do romano que foi trazido para a península ibérica pelos soldados e pela administração do império. Os habitantes da Lusitânia, os futuros portugueses, absorveram o espírito mágico do conquistador e o conservaram, em muitos casos, até os tempos atuais. É deles, também, que os gaúchos receberam muitas fórmulas que alimentam as suas superstições. A fórmula SATOR pode ter vindo por esse caminho.

Uma outra hipótese poderia ser via *almanaques*, que, segundo Spalding, a partir de aproximadamente 1840, eram muito apreciados pelos gaúchos como leitura por seu caráter enciclopédico de cultura popular. É bem possível que esta seja a fonte da fórmula mágica SATOR que encontramos em nosso Estado. Num opúsculo de Medicina Popular que trata principalmente de simpatias, editado em São Paulo (GUIMARÃES, 1986) é transcrita a fórmula SATOR mas não como quadrado mágico mas simplesmente como uma seqüência de palavras. Num aspecto o uso desta frase, que seria uma *simpatia* para qualquer doença “não natural” coincide com o uso da fórmula de Cruz Alta: “dobram-se papéis bem pequeninos, um para cada letra da frase e engolem-se todos os papezinhos, um a um, com água”. Isto deve

ser feito na sexta-feira-santa (pág. 127). A autora não faz nenhum comentário sobre a origem da fórmula nem sobre o significado das palavras.

CONCLUSÃO

Encontramos no Rio Grande do Sul este “relicto” latino SATOR AREPO como uma herança que se perpetua através dos tempos: O espírito mágico das benzeduras e invocações dos mais diversos espíritos continua na mente dos brasileiros, descendentes dos portugueses, estes transmissores da herança latina, reforçada, na Idade Média, pelo cristianismo quando os passatempos verbais incluíam palíndromos, diagramas, quadros e acrósticos. É evidente que todas estas manifestações tinham a língua latina como meio de expressão.

E o palíndromo de Cruz Alta é um exemplo dessa faceta cultural.

BIBLIOGRAFIA

- ALERS [Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil]. Em elaboração. Banco de Dados do projeto. Instituto de Letras, UFRGS.
- BUNSE, Heinrich A. W. *A medicina na antigüidade greco-romana*. Porto Alegre, Edição dos Laboratórios Klein, 1986.
- GUIMARÃES, Ruth. *Medicina mágica: as simpatias*. São Paulo, Rio de Janeiro, Global Editora, 1986.
- HENDERSON, George. *Arte medieval*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- HERDER LEXIKON, *Dicionário de símbolos*. São Paulo, Círculo do Livro, 1991.
- MEYER, Augusto. *Guia do folclore gaúcho*. Rio de Janeiro, Aurora, 1951.
- PAOLI, Ugo Enrico. URBS. *La vida en la Roma Antigua*. Barcelona, Iberia, 1956.
- POKORNY, Julius. *Indogermanisches etymologisches wörterbuch*. Bern, A. Francke Verlag, 1959.
- SPALDING, Walter. *Tradições e superstições do Brasil Sul*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1955.
- STOLZ, Friedrich. *Geschichte der lateinischen sprache*. Berlin und Leipzig, Walter de Gruyter, 1922.
- WACHER, John. *Roman britain*. J. M. London, Melbourne, Dent & Sons, 1986.
- WESTERMANN'S ATLAS ZUR WELTGESCHICHTE, Teil I Vorzeit - Altertum. Berlim, 1956.